



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

FILOSOFIA DO PODER TECNOLÓGICO: INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS E O
PENSAMENTO REFLEXIVO

Ângela Elisa Cabral Pacheco

João Pessoa

2024

Ângela Elisa Cabral Pacheco

**FILOSOFIA DO PODER TECNOLÓGICO: INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS E O
PENSAMENTO REFLEXIVO**

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em
Filosofia pelo Programa de Graduação
em Filosofia da Universidade Federal da
Paraíba – UFPB.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Ângelo Oliveira do Carmo

João Pessoa

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P116f Pachêco, Angela Elisa Cabral.

Filosofia do poder tecnológico: inteligências artificiais e o pensamento reflexivo / Angela Elisa Cabral Pachêco. - João Pessoa, 2024.

31 f.

Orientador: Miguel Ângelo Oliveira do Carmo.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2024.

1. Filosofia. 2. Poder. 3. Inteligências Artificiais. I. Carmo, Miguel Ângelo Oliveira do. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 1:007

FOLHA DE APROVAÇÃO

ÂNGELA ELISA CABRAL PACHECO

FILOSOFIA DO PODER TECNOLÓGICO: INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS E O PENSAMENTO REFLEXIVO

João Pessoa, 27 de novembro de 2024.

Trabalho de Conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia pelo Programa de Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, sob a orientação do Professor Miguel Ângelo Oliveira do Carmo.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Miguel Ângelo Oliveira do Carmo
(Orientador)

Prof. Dr. Narbal De Marsillac Fontes
(Examinador)

Prof. Dr. Sergio Luis Persch
(Examinador)

Dedico este trabalho à minha família nuclear e aos que dele possam se beneficiar de algum modo, algum dia.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus mais sinceros agradecimentos aos meus amados pais e à minha querida família nuclear, cujo apoio incondicional e amor constante foram fundamentais em cada passo deste trajeto acadêmico.

Sou imensamente grato ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba por proporcionar-me um ambiente intelectual estimulante e desafiador. Através deste programa, pude explorar meu amor pela filosofia de maneira profunda e enriquecedora, ampliando horizontes e adquirindo conhecimentos que levo comigo para a vida.

Não posso deixar de mencionar meu orientador, o Professor Miguel Ângelo, cuja orientação perspicaz e apoio constante foram cruciais para o sucesso deste trabalho. Sua dedicação em me guiar, questionar e incentivar a aprofundar minhas ideias foi um verdadeiro catalisador para o desenvolvimento do aporte intelectual deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Também gostaria de estender minha gratidão aos docentes das disciplinas que tive a honra de cursar ao longo desta jornada. Cada professor trouxe sua expertise e paixão pela filosofia, enriquecendo minha compreensão e incentivando-me a buscar respostas inovadoras e criativas para os desafios filosóficos apresentados em sala de aula, ainda que tenhamos por alguns semestres, passado por desafiadores meses de pandemia.

Neste momento de agradecimento, reconheço que esta conquista não é apenas minha, mas o resultado de um esforço coletivo de todos aqueles que me apoiaram ao longo do caminho.

João Pessoa, 2024.

“Falta Pouco”

Falta pouco para acabar
o uso desta mesa pela manhã
o hábito de chegar à janela da esquerda
aberta sobre enxugadores de roupa.

Falta pouco para acabar
a própria obrigação de roupa
a obrigação de fazer barba
a consulta a dicionários
a conversa com amigos pelo telefone.

Falta pouco
para acabar o recebimento de cartas
as sempre adiadas respostas
o pagamento de impostos ao país, à cidade
as novidades sangrentas do mundo
a música dos intervalos.

Falta pouco para o mundo acabar
sem explosão
sem outro ruído
além do que escapa da garganta com falta de ar.

Agora que ele estava principiando
a confessar
na bruma seu semblante e melodia.

- Carlos Drummond de Andrade.

Publicado no livro “100 poemas” (2002).

RESUMO

O exercício do pensamento crítico e sua relação com o poder e as manipulações de massa. Exploramos como a filosofia não apenas incentiva a reflexão profunda, mas também pode revelar as dinâmicas subjacentes de poder presentes nas sociedades. Através da análise de textos filosóficos clássicos e contemporâneos, examinamos como o pensamento filosófico pode capacitar os indivíduos a discernir estratégias de manipulação utilizadas por entidades poderosas para influenciar a opinião pública. Focamos particularmente nas implicações dessa interação entre filosofia e poder no contexto das Inteligências Artificiais (IAs). Reconhecemos que, enquanto as IAs têm o potencial de trazer avanços significativos para diversas áreas, também apresentam desafios éticos e sociais. A capacidade das IAs em coletar e analisar grandes quantidades de dados levanta preocupações sobre a possibilidade de manipulação de informações e opiniões em massa. Refletimos sobre como a compreensão filosófica do poder pode fornecer uma lente crítica para avaliar o desenvolvimento e o uso dessas tecnologias emergentes. No entanto, também consideramos que as IAs podem ser ferramentas para a democratização do conhecimento e a promoção do pensamento crítico. Elas podem fornecer acesso a informações diversas e promover o debate informado. Ao aplicar princípios filosóficos de questionamento e análise aos dados fornecidos pelas IAs, indivíduos podem desenvolver respostas mais informadas e resistentes à manipulação. Em resumo, este trabalho explora como a filosofia e o ato de filosofar podem capacitar os indivíduos a reconhecer o poder e as manipulações de massa presentes na sociedade, especialmente no contexto das Inteligências Artificiais. Enquanto as IAs apresentam desafios significativos, também oferecem oportunidades para aprimorar nossa compreensão crítica e promover um engajamento mais informado com as informações que nos cercam.

Palavras-chave: Filosofia; Poder; Implicações sobre as Inteligências Artificiais.

ABSTRACT

The exercise of critical thinking, and their relationship with power and mass manipulation. We explore how philosophy not only encourages profound reflection but also unveils the underlying dynamics of power within societies. Through the analysis of classical and contemporary philosophical texts, we examine how philosophical thinking can empower individuals to discern manipulation strategies employed by powerful entities to influence public opinion. We particularly focus on the implications of this interplay between philosophy and power in the context of Artificial Intelligence (AI). We acknowledge that while AIs have the potential to bring significant advancements to various fields, they also pose ethical and social challenges. The ability of AIs to collect and analyze vast amounts of data raises concerns about the potential manipulation of information and mass opinions. We reflect on how philosophical understanding of power can provide a critical lens to assess the development and use of these emerging technologies. However, we also consider that AIs can be tools for democratizing knowledge and promoting critical thinking. They can provide access to diverse information and foster informed debates. By applying philosophical principles of questioning and analysis to the data provided by AIs, individuals can develop more informed responses that are resistant to manipulation. In summary, this dissertation explores how philosophy and the act of philosophizing can empower individuals to recognize power and mass manipulation present in society, especially in the context of Artificial Intelligence. While AIs present significant challenges, they also offer opportunities to enhance our critical understanding and promote more informed engagement with the information around us.

Keywords: Philosophy; Power; Implications for Artificial Intelligence.

RESUMEN

El pensamiento crítico y su relación con el poder y las manipulaciones de masas son explorados en este trabajo. Se analiza cómo la filosofía permite la reflexión profunda y desvela dinámicas de poder en la sociedad. Mediante textos filosóficos clásicos y contemporáneos, se examina cómo el pensamiento filosófico capacita a detectar estrategias de manipulación usadas por entidades poderosas para influir en la opinión pública. Se enfoca en cómo esto se aplica a las Inteligencias Artificiales (IAs), reconociendo que, aunque tienen avances prometedores, también plantean desafíos éticos y sociales. Las IAs pueden recopilar y analizar datos masivos, generando preocupaciones sobre manipulación. La comprensión filosófica del poder se utiliza para evaluar el desarrollo y uso de estas tecnologías emergentes. A pesar de los desafíos, las IAs pueden democratizar el conocimiento y promover el pensamiento crítico, brindando acceso a información diversa y fomentando el debate informado. Mediante principios filosóficos, se puede abordar la información proporcionada por las IAs y desarrollar respuestas informadas y resistentes a la manipulación. En resumen, se explora cómo la filosofía y el filosofar permiten identificar el poder y las manipulaciones de masas en la sociedad, especialmente en el contexto de las IAs, ofreciendo oportunidades para mejorar la comprensión crítica y el compromiso con la información.

Palabras clave: Filosofía; Poder; Implicaciones sobre las Inteligencias Artificiales.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. PENSAMENTO FILOSÓFICO NA ERA DIGITAL	13
2. PODER ALGORÍTMICO	17
2.1. O poder como manipulação	19
2.2. O poder e a comunicação	21
2.3. O poder e a infocracia	23
3. INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS E DESAFIOS	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

A revolução tecnológica impulsionada pelas Inteligências Artificiais (IA's) tem promovido transformações profundas em diversos setores da sociedade contemporânea, incluindo o campo do pensamento filosófico. Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo explorar a conexão entre inteligências artificiais e o filosofar, questionando se esses sistemas são, ou podem ser, capazes de gerar pensamento filosófico autêntico nos dias atuais. A pergunta central que norteia esta investigação é: "Inteligências artificiais são ou seriam capazes de produzir o próprio pensamento filosófico nos dias atuais?".

A capacidade das IAs de realizar tarefas que antes eram exclusivas dos seres humanos levanta questões fundamentais sobre a natureza da cognição e do pensamento reflexivo. Segundo John Searle (1980), em seu argumento do quarto chinês, a compreensão genuína requer mais do que a mera manipulação de símbolos; ela exige intencionalidade e consciência, qualidades que ainda não foram comprovadamente alcançadas por sistemas artificiais. Por outro lado, autores como Daniel Dennett argumentam que não há uma linha clara separando a cognição humana da capacidade computacional avançada. Em sua obra *From Bacteria to Bach and Back* (2017), Dennett sugere que os processos mentais humanos podem ser vistos como algoritmos complexos, abrindo espaço para discutir se IAs avançadas poderiam, eventualmente, alcançar formas de reflexão filosófica. Além dos desafios conceituais, há também implicações políticas significativas ligadas ao desenvolvimento das IA's. A crescente autonomia desses sistemas levanta preocupações sobre controle ético e responsabilidade moral. Como aponta Nick Bostrom em *Superintelligence: Paths, Dangers, Strategies* (2014), a criação de uma IA superinteligente poderia ter consequências imprevisíveis para a humanidade. Bostrom alerta para os riscos existenciais associados à uma possível falta de governança adequada no desenvolvimento dessas tecnologias.

O presente estudo pretende abordar essas questões multifacetadas ao examinar tanto os desafios filosóficos quanto os desafios políticos apresentados pelas inteligências artificiais contemporâneas. Por meio da análise crítica das capacidades atuais das IAs e das implicações éticas e sociais associadas ao seu desenvolvimento futuro, busca-se oferecer uma perspectiva abrangente sobre o potencial dessas tecnologias em gerarem pensamento filosófico.

1. PENSAMENTO FILOSÓFICO NA ERA DIGITAL

O pensamento humano é uma das características mais distintas e complexas da cognição. Ele é a base sobre a qual se erguem as estruturas da linguagem, da cultura e da sociedade. Na psicologia, assim como de modo a entender tal unidade linguística de modo geral (senso comum), o conceito de pensamento se refere ao processo mental pelo qual as pessoas geram, organizam, avaliam e utilizam informações para compreender o mundo ao seu redor, tomar decisões e resolver problemas. O pensamento é uma função cognitiva complexa que envolve várias operações mentais, como raciocínio, memória, imaginação e tomada de decisões.

A relação entre o conceito de pensamento e a Filosofia é profunda e intrincada, uma vez que a Filosofia está intrinsecamente ligada à exploração e ao questionamento dos fundamentos do pensamento humano. A Filosofia, como área do conhecimento que busca compreender questões fundamentais sobre a realidade, a existência, o conhecimento, a moralidade e muitos outros aspectos da vida humana, compreende o pensamento como uma ferramenta principal por meio da qual se explora tais questões e se formula argumentos e teorias.

Temos, pois, que o pensamento filosófico refere-se à abordagem e ao estilo de pensamento característicos da Filosofia, que pode vir a explorar subáreas intersectadas pelo raciocínio lógico, pela argumentação, pela reflexão metafísica ou física, epistemológica, pela filosofia política, pela filosofia da mente e da linguagem (no que tange a questão da consciência e comunicação), pelo pensamento crítico e autocrítico e, não menos importante, pelo pensamento criativo, que explora conceitos complexos e profundos.

Compreendemos que pensamento filosófico nos traz uma dimensão fascinante desse processo mental, que é o próprio pensamento, em palavras outras, é a capacidade de pensar de forma impessoal, isto é, de maneira neutra e desvinculada de interesse pessoal, é um conceito que transcende a individualidade e busca expressar ideias de maneira objetiva e distanciada, assim, devendo ser dotado, o pensamento filosófico, de criticidade.

Como um grande exemplo filosófico que buscou explorar em suas obras o pensamento filosófico foi o Gilles Deleuze, francês e do século XX, que considerava que a arte, a ciência e a filosofia são formas de pensar, seriam expressões do próprio pensamento. Para ele, construir história filosófica é se situar no próprio pensamento, sendo esse

pressuposto necessário para uma melhor e mais apropriada escolha dos conceitos apropriados, com vistas à servir de “passagem” para analisar algum outro autor ou realidade e, também, para compreender e explicitar o que levou algum filósofo a ter um pensamento específico sobre algo (ter um conceito). Deleuzianamente falando, só se faz sentido pensar de modo a problematizar alguma situação se os problemas forem revelados e os conceitos clarificados.

Assim como Deleuze, vários outros nomes notáveis da Filosofia também exploraram o pensamento conhecido como filosófico, desde Platão, Aristóteles a Descartes, Kant, dentre outros, também passaram seus pensamentos diante desta seara. Outro exemplo, porque não adentraremos neste trabalho sobre esta questão, nos restando compreender de forma abrangente o pensamento filosófico, Michel Foucault é outro notório nome a se pensar quando falamos em “pensamento filosófico”. Também francês, ele abordou o pensamento filosófico de várias maneiras em suas obras. Seu trabalho explorou questões de conhecimento, poder, subjetividade e como o pensamento filosófico influencia a compreensão do mundo e a construção da identidade.

Foucault contribuiu para o “pensamento filosófico”, por exemplo, em sua obra "A Arqueologia do Saber", na qual Foucault propõe uma abordagem metodológica para analisar como o conhecimento é produzido e disseminado em diferentes épocas e contextos. Ele explora como as formações discursivas moldam o pensamento e influenciam a maneira como concebemos o mundo. Foucault introduz o conceito de "episteme", que se refere aos sistemas de pensamento e às estruturas de conhecimento que moldam diferentes períodos históricos. Ele argumenta que as mudanças na episteme têm um impacto profundo no modo como as pessoas pensam, conhecem e compreendem a realidade. Foucault examina como as estruturas de poder influenciam a produção e a circulação do conhecimento. Ele sugere que o pensamento filosófico muitas vezes é moldado por relações de poder, e que o conhecimento é frequentemente utilizado como uma forma de controle e dominação, o que nos remete ao poder, próximo tópico a ser abordado neste estudo, o que fica mais evidente na seguinte passagem da obra supracitada foucaultiana:

Uma formação discursiva será individualizada se se puder definir o sistema de formação das diferentes estratégias que nela se desenrolam; em outros termos, se se puder mostrar como todas derivam (malgrado sua diversidade por vezes extrema, malgrado sua dispersão no tempo) de um mesmo jogo de relações (FOUCAULT, 2009, p. 76).

É compreensível que deva haver uma conexão entre a construção das narrativas, o que inclui a construção das palavras e seus significados, com raízes fortes no pensamento filosófico, tendo em vista que ele mesmo detém certa plasticidade, a depender de quem se fala, quem fala, para quem se fala e do quê se fala. O resultado desses amontoados de vocábulos, ordenados filosoficamente, desaguem no que chamamos de poder e em como esse poder pode se manifestar frente à população.

A interseção entre a construção de narrativas e o pensamento filosófico é intrigante, pois ambos moldam e são moldados pelas dinâmicas de poder. A filosofia, com sua capacidade de questionar e redefinir conceitos, permite que as narrativas sejam plastificadas conforme a intenção do emissor, a compreensão do receptor e o contexto do discurso.

Ao abordar o "quem fala" e o "para quem se fala", nota-se que o discurso é um veículo de poder. Quem detém a palavra assume uma posição de influência, capaz de moldar percepções, valores e ações. Assim, o modo como as palavras são escolhidas e ordenadas não é arbitrário, mas um reflexo das intenções e do conhecimento do falante. Por exemplo, líderes políticos e figuras públicas utilizam essa plasticidade das narrativas para galvanizar apoio, justificar ações e construir identidade coletiva. Dependendo do contexto, certas palavras ou conceitos podem ser ampliados, minimizados ou mesmo redefinidos para provocar determinadas reações ou estabelecer verdades convenientes. Em um cenário mais amplo, a construção narrativa moldada pela filosofia também se manifesta em sistemas de crenças, ideologias e estruturas sociais. A linguagem, por regra geral e filosoficamente compreendida, então, não é apenas um meio de comunicação, mas um instrumento de poder que pode tanto emancipar quanto oprimir.

A manipulação de discursos, portanto, é uma atividade profundamente enraizada na compreensão filosófica sobre a natureza do poder e da verdade. Esse dinamismo e essa interdependência sublinham a responsabilidade daqueles que moldam e disseminam narrativas, pois suas palavras têm o potencial de influenciar profundamente o tecido social e as relações de poder.

A revolução tecnológica da última década tem sido marcada pelo desenvolvimento acelerado das inteligências artificiais (IAs), que têm se tornado cada vez mais presentes e influentes em diversas áreas do conhecimento humano. Esta evolução levanta questões

profundas e complexas sobre a natureza dessas inteligências e sua capacidade de simular ou até mesmo criar pensamentos reflexivos, especialmente no campo da Filosofia. Pensamos que há limitações por parte das IAs na geração de pensamento filosófico, abordando os desafios filosóficos e políticos que surgem com essa possibilidade. Para responder a questionamentos envolvendo essa questão, é fundamental entender o que caracteriza o pensamento filosófico e o pensamento filosófico, especificamente, na era digital. Segundo Immanuel Kant, no livro *Crítica da Razão Pura*, a filosofia se fundamenta na capacidade crítica e reflexiva do indivíduo para questionar a realidade e buscar verdades universais (Kant, 2001). Já Martin Heidegger, em *Ser e Tempo*, destaca que filosofar é um ato existencial, profundamente ligado à experiência humana do ser (Heidegger, 1927).

Ao considerar esses pontos de vista, trazendo o ponto de vista do filosofar na era digital, surge o desafio de determinar se uma IA pode realmente engajar-se nesse nível profundo de reflexão e crítica. As IAs generativas atuais, como os modelos baseados em aprendizado profundo (deep learning), são capazes de processar vastas quantidades de dados e gerar respostas que simulam coerência lógica. No entanto, John Searle argumenta em seu artigo *Minds, Brains and Programs* que tais sistemas não possuem compreensão genuína; eles operam por meio da manipulação sintática sem atribuição semântica verdadeira (Searle, 1980). Além dos desafios técnicos e conceituais envolvidos na criação de uma IA capaz de filosofar autenticamente, há também preocupações políticas significativas.

A implementação generalizada dessas tecnologias pode exacerbar desigualdades sociais existentes ou criar novas formas de dominação tecnocrática. Como sugere Shoshana Zuboff em *The Age of Surveillance Capitalism*, as tecnologias digitais podem ser usadas para controle social extensivo quando não regulamentadas adequadamente (Zuboff, 2019, pág 231). Portanto, ao analisar a capacidade das IAs para gerar pensamento filosófico independente nos dias atuais, é essencial considerar tanto os limites inerentes às próprias tecnologias quanto os contextos sociais e políticos em que elas operam.

2. PODER ALGORITMICO

O poder é um conceito fundamental nas ciências sociais e na filosofia que se refere à capacidade de influenciar, controlar ou afetar as ações, decisões e comportamentos de outras pessoas, grupos ou entidades. É uma relação complexa e multifacetada que está presente em todas as sociedades humanas e desempenha um papel importante na organização social, política, econômica e cultural.

O poder pode se manifestar de várias formas e em diferentes contextos. O poder mais enraizado em nossa cultura atual é o poder político, que pode ser centralizado em indivíduos, grupos, instituições ou estruturas maiores. Também pode ser expresso de maneira aberta ou sutil, direta ou indireta, e que, de forma geral, se relaciona à capacidade de tomar decisões e de influenciar políticas públicas, quando exercido por governantes, líderes, instituições do Estado.

Temos aqui de maneira basilar, à continuação de seus estudos a instauração do termo “biopoder”, que consiste em um conceito que se refere ao exercício de poder sobre a vida humana. O biopoder representa uma forma de poder que se concentra na gestão, controle e regulamentação dos corpos, das populações e dos processos vitais. Foucault explorou o biopoder em seus estudos sobre a relação entre poder, conhecimento e sociedade, especialmente em suas análises sobre a modernidade. Ele considerou o biopoder como uma extensão do poder soberano tradicional que se concentrava principalmente na vida individual, mas que, na era moderna, passou a lidar com a vida em seu aspecto mais geral e populacional.

As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. A instalação, durante a época clássica, desta tecnologia de duas faces – anatômica e biológica –, individualmente e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida, caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima para baixo (FOUCAULT, 2012, pág. 152).

O biopoder não é uma forma de repressão, ele também envolve práticas que têm como objetivo melhorar a saúde, promover o bem-estar e garantir a sobrevivência das populações. No entanto, de acordo com a análise do Foucault, também podemos examinar

as implicações e as possíveis consequências negativas do poder, incluindo o potencial para a criação de normas opressivas e a limitação da liberdade individual.

O autor, portanto, introduziu o conceito de biopoder para descrever uma forma de poder que, ao invés de se concentrar na repressão direta, atua sobre a vida, a saúde e o corpo das populações. Esse poder se manifesta através de práticas e políticas destinadas a melhorar a saúde pública, promover o bem-estar e garantir a sobrevivência dos indivíduos, refletindo um interesse crescente dos estados modernos em gerir a vida humana.

O biopoder se distingue de outras formas de poder porque não se limita a reprimir ou punir, mas também exerce uma influência positiva, moldando comportamentos e criando condições para o florescimento da vida. Isso se realiza por meio de intervenções como campanhas de vacinação, políticas de saneamento, regulação da natalidade e promoção de hábitos saudáveis. Esses esforços são, em grande parte, motivados pela intenção de aumentar a eficiência, a produtividade e a longevidade das populações, evidenciando uma face benéfica do biopoder.

No entanto, ele também alerta para as implicações negativas desse tipo de poder. Uma das elucidações se trata do potencial de criação de normas opressivas. Ao estabelecer padrões de comportamento e saúde considerados desejáveis, o biopoder pode marginalizar aqueles que não se enquadram nesses modelos, seja por escolha pessoal, condição social ou diversidade biológica. Em sua busca pela normatização, o biopoder pode reprimir a diversidade, impondo um modelo uniforme de vida saudável e produtiva.

Além disso, o biopoder pode limitar a liberdade individual ao intervir de maneira profunda e intrusiva na vida cotidiana. As políticas de saúde pública, por exemplo, muitas vezes exigem a coleta e o monitoramento de dados pessoais, o que levanta questões sobre privacidade e autonomia. O controle sobre o corpo e as escolhas dos indivíduos pode se tornar uma ferramenta de vigilância e disciplina, restringindo a capacidade das pessoas de tomar decisões independentes sobre suas próprias vidas.

Foucault também sugere que o biopoder pode ser instrumentalizado para fins políticos, sendo utilizado para justificar intervenções autoritárias em nome do bem comum. Isso pode levar à intensificação de práticas de controle social, onde os indivíduos são moldados e manipulados sob o pretexto de proteção e cuidado.

Embora o biopoder tenha aspectos que visam o desenvolvimento e bem-estar das populações, sendo considerado uma forma de regulamentar ao invés de oprimir, temos que o poder, em si, pode ter o viés negativo quando opressor. A análise de Foucault nos desafia a considerar as ambivalências e contradições envolvidas na gestão da vida e da saúde, incentivando uma reflexão crítica sobre como resistir, estrategicamente, de acordo com os benefícios do biopoder com a proteção das liberdades individuais e a celebração da diversidade humana.

Em última análise, o conceito de biopoder, destaca como o poder é exercido de maneira complexa e multifacetada sobre a vida humana, atravessando várias esferas da sociedade, da política, da saúde e do controle social. De forma algoritimizada, podemos compreender que os aspectos do poder e como ele é exercido na atualidade, levando em consideração as Inteligências Artificiais, logramos a compreensão de que existe uma observação digital em relação às pessoas e às suas ações dentro das redes computacionais, o que pode se dar, como veremos a seguir, como uma maneira de manipulação de massas e de controle.

Dessa maneira, temos que, de acordo com os dados coletados pelas plataformas digitais e de seus algoritmos, podemos compreender alguns dos aspectos do poder exercido na atualidade de forma a tentar persuadir quem as acessa. Não é incomum, por exemplo, que sites tenham propagandas que aparecem, sem o consentimento do “usuário”, de algo que, em tese, este tenha interesse, seja baseado em buscas em grandes plataformas de pesquisa, seja por dados cedidos ou vendidos por terceiros.

Trazendo essa questão para as Inteligências Artificiais, temos que a compreensão de que existe uma observação digital sobre as pessoas e suas ações dentro das redes computacionais, a partir dessa coleta de dados, podem configurar uma maneira de manipulação de massas e também de controle, como ocorre nos casos de *fake news* e de *pop ups* com propagandas de sites que induzem o usuário a se tornar um consumidor de empresas em outros sites ou até mesmo um leitor de notícias convenientes aos governantes.

2.1 O poder como manipulação

O poder como manipulação das massas aqui explicitada refere-se a uma abordagem na qual indivíduos ou grupos com poder usam estratégias e técnicas para influenciar a opinião, o comportamento e as crenças de grandes grupos de pessoas. Essa manipulação pode ocorrer em vários contextos, como política, mídia, publicidade e propaganda.

A manipulação das massas populacionais envolve o uso de táticas que visam criar uma percepção específica da realidade, muitas vezes alinhada com os interesses ou objetivos dos manipuladores. O poder como manipulação se traduz na mídia e na propaganda em relação ao controle ou influência sobre os meios de comunicação e como eles podem ser usados para moldar narrativas e destacar informações que apoiem determinadas agendas, o que pode acabar envolvendo disseminação “seletiva” de notícias, criação de histórias emocionais e até mesmo apresentação de informações de maneira tendenciosa (as conhecidas *fake news*). Por sua vez, no discurso político, a manipulação das massas pode se dar de forma a utilizar a retórica persuasiva para criar uma imagem favorável aos próprios políticos e líderes de acordo com seus objetivos. A manipulação das massas populacionais também pode se dar na publicidade, no marketing e na desinformação, no que tange o fato de que muitas “matérias” atingem tais massas e lhes atribui desejos e necessidades que, talvez, não sejam genuínos, explorando emoções e aspirações, influenciando o pensamento e o comportamento das pessoas, sem que elas, anteriormente, tenham pensado criticamente sobre algum assunto, tema ou pensamento.

Assim sendo, devemos levar em consideração que uma das atribuições do uso do poder, diante de seus contextos históricos, sociais e, por consequência, filosóficos, também é manipulável de acordo com as informações, crenças, costumes, dentre outros aspectos, que podem ser resultado da manipulação de tal poder para, quem sabe, minar a autonomia individual e/ou coletiva.

O poder, nitidamente, está entrelaçado com a liberdade. Temos, portanto, mais um ponto de vista filosófico que aborda tais pontos, poder e liberdade, em Étienne de la Boetie, em sua obra *Discurso sobre a Servidão Voluntária*, que traz algumas noções que nos remetem ao pensar e ao poder.

Digamos que o dinheiro compraria o silêncio de muitos (o que poderia ser reconhecido e chamado por servidão econômica), assim como a coerção física seria outra forma de convencimento (da qual seria muito difícil escapar sem danos físicos, psicológicos

ou até perdendo a própria vida), além de outras maneiras de fazer os demais cidadãos pensarem que devem obedecer às ordens de alguém, legitimando o tirano a governar. Algo muito interessante de pensar é que, para Boetie, quem se submete, acredita que necessita obedecer.

Logo, vê-se que a servidão voluntária tem uma correlação íntima entre Filosofia e Poder. O que faz também pensar na relação entre servidão como obediência. A quem nos entregamos quando alcançamos a liberdade? Esta é a principal questão postulada por Boetie em sua obra. Note-se que não se fala de uma servidão arbitrária, ela é voluntária, logo, constitui um certo “nó” na mente de quem lê ou ouve falar pela primeira vez, a importância das noções do que trata o autor na citada obra será melhor compreendida no próximo capítulo, quando fizermos uma analogia com as Inteligências Artificiais (IAs) e a relação que elas tem com o poder.

No entanto, por enquanto, fiquemos com esta passagem provocativa da obra de Boetie sobre a a voluntariedade da tal “servidão” ser uma forma de fraqueza inerente à humanidade:

Que nome se deve dar a esta desgraça? Que vício, que triste vício é este: um número infinito de pessoas não a obedecer, mas a servir, não governadas, mas tiranizadas, sem bens, sem país, sem vida a que possam chamar sua? Suportar a pilhagem, as luxúrias, as crueldades, não de um exército, não de uma horda de bárbaros, contra os quais dariam o sangue e a vida, mas de um só? Não de um Hércules ou de um Sansão, mas de um só indivíduo, que muitas vezes é o mais covarde e mulherengo de toda a nação, acostumado não tanto à poeira das batalhas como à areia dos torneios, menos dotado para comandar homens do que para ser escravo de mulheres? Chamaremos a isto covardia? Temos o direito de afirmar que todos os que assim servem são uns míseros covardes? É estranho que dois, três ou quatro se deixem esmagar por um só, mas é possível; poderão dar a desculpa de lhes ter faltado o ânimo. Mas quando vemos cem ou mil submissos a um só, não podemos dizer que não querem ou que não se atrevem a desafiar-lo (Boetie, 1987, pág 07).

Tamanha é a indignação do autor com o fato de um entregar seu direito inerente ao ser humano, como julga ser a liberdade, à outrem, que Étienne lança-se a provocar, no ínterim da honra humana, questionando, insistentemente, o que poderia ser tão hipnotizante a ponto de fazer as pessoas a submeterem-se a sistemas (possivelmente) cruéis e degradantes.

2.2 O poder e a comunicação

Notamos que Étienne analisa, inclusive a linguagem. Na Filosofia há um espaço especialmente dedicado ao tema. A linguagem corporal e oral, dizem muito mais do que aparentam dizer. A linguagem, em seu sentido estrito, é a tradução de um povo, é a interpretação antropológica e sociológica de um povo e do seu governo. A Linguagem Filosófica também traz elementos analíticos capazes de examinar a retórica, a argumentação e outros pontos transversais do que mantém alguém no poder e o porquê, qual o sentido, a razão, que o povo, em sua coletividade, submete-se àquele sistema. Seguimos com a sistematização do pensamento do autor com o fato de que há, portanto, várias formas de não ser livre, achando-se que é.

O poder e a comunicação estão intimamente interligados, pois a comunicação desempenha um papel fundamental na maneira como o poder é exercido, mantido e contestado em sociedade. A comunicação não é apenas uma ferramenta para transmitir informações, mas também é uma arena na qual as dinâmicas de poder se manifestam, moldando a percepção pública, influenciando decisões e determinando as relações de autoridade.

Algumas das maneiras pelas quais o poder e a comunicação estão interligados passam pelo campo da construção de narrativas e discursos, no que se refere ao fato de que àqueles que têm poder, muitas vezes, têm a capacidade de construir e controlar narrativas e discursos. Eles podem moldar como os eventos são interpretados, influenciando a percepção pública e a opinião sobre questões importantes.

O poder e a comunicação também têm sementes férteis na mídia e na propaganda, isto pelo fato de que a mídia desempenha um papel crucial na comunicação do poder. Aqueles com recursos e influência podem usar a mídia para espalhar mensagens, promover agendas e moldar a opinião pública. O próprio acesso à informação é uma forma de controle e de ferramenta de poder quando pensamos em comunicação e poder.

Não deixemos de lembrar que essa junção também incorre no que se costuma chamar de liderança carismática, quando a comunicação eficaz é uma habilidade em se comunicar de maneira inspiradora e persuasiva, atraindo seguidores e mantendo sua influência, em quaisquer áreas, o que não exclui o controle do discurso público, que ocorre quando o poder está relacionado à capacidade de ditar quais vozes são ouvidas e quais são silenciadas. O

controle sobre o discurso público pode reforçar as hierarquias existentes e marginalizar grupos ou ideias dissidentes.

Não menos importante, em relação ao poder e à comunicação, temos as atuais redes sociais e toda a questão da tecnologia, isto é, as mídias sociais e a tecnologia digital ampliaram as possibilidades de comunicação e uma suposta autoafirmação, permitindo que indivíduos e grupos compartilhem informações, organizem movimentos e contestem o poder estabelecido.

2.3 O poder e a infocracia

O poder também está relacionado ao que, atualmente, se convencionou chamar de “infocracia”, termo utilizado pelo filósofo *Byung-Chul Han*, em seu livro traduzido como *Infocracia: Digitalização e a crise democrática*.

A infocracia, portanto, é um termo utilizado para se referir à um sistema de governo ou de influência baseado no controle e na manipulação das informações. No contexto da infocracia, o poder é exercido através do domínio sobre a informação, incluindo sua disseminação, acesso e interpretação. As pessoas ou entidades que controlam as informações têm a capacidade de moldar a opinião pública, influenciar decisões e manter a autoridade.

Vale ressaltar que o termo infocracia não nos parece ainda ser amplamente reconhecido ou usado na teoria da Filosofia Política. Parece ser uma palavra cunhada a partir das partes “info” (de informação) e “cracia” (que remete a governo ou autoridade). Portanto, há quem acredite que, para este termo, não haveria um fundador específico associado ao conceito.

Em palavras outras, nos parece que há uma sensação de vazio na sociedade à medida em que a tecnologia avança, de certo modo, por conta do excesso das relações virtuais em detrimento das conexões reais. Chamamos, portanto, de realidade virtual aquela realidade como sentimento nutrido por esses vazios, preenchidos, muitas vezes, por sentimentos rasos, “líquidos” (como diria Zygmunt Bauman) e, até mesmo, falsos.

Outro fator que contribui para a infocracia é a falta de transparência nos processos decisórios nas e das nossas vidas, muitas decisões importantes são tomadas às portas

fechadas, sem nenhuma contribuição do público ou de autoridades pelo povo eleitas. Essa falta de transparência corrói a confiança nas instituições que deveriam representar o interesse público, além disso, a fragmentação das fontes de informação levou à criação de “câmaras de eco”, assim chamadas por serem o poço das informações algoritmizadas que determinadas pessoas poderiam reafirmar suas crenças existentes, podendo fortalecer, por exemplo, situações geopolíticas de polarizações e dificultando a mera produção de conversas humanas produtivas comuns.

Manuel Castells, grande estudioso da atualidade que se debruça sobre as tecnologias da informação e da comunicação, ao pensar e descrever o que acredita estar sendo a “vida” nessa era da informação constata que:

O aspecto mais aterrorizante é, de fato, a ausência de regras explícitas de comportamento, de previsibilidade das consequências de nosso comportamento exposto, segundo os contextos de interpretação, e de acordo com os critérios usados para julgar nosso comportamento por uma variedade de atores atrás da tela de nossa casa de vidro [...] a transparência de nossas vidas moldará decisivamente nossas atitudes. Se esse sistema de vigilância e controle da internet se desenvolver plenamente, não poderemos fazer o que nos agrada. Talvez não tenhamos nenhuma liberdade, e nenhum lugar onde nos esconder (2003, p. 149).

Assim, percebemos na infocracia certa falta de transparência nos processos decisórios em nossas vidas. Muitas decisões importantes são tomadas a portas fechadas, sem nenhuma contribuição do público ou de autoridades eleitas pelo povo. Essa falta de transparência corrói a confiança nas instituições que deveriam representar o interesse público.

Ainda sobre isso, também voltando à fragmentação das fontes de informação das supracitadas "câmaras de eco". Essas câmaras são ambientes onde algoritmos reafirmam as crenças existentes de determinadas pessoas, filtrando e priorizando informações que correspondem às suas visões de mundo. Isso não apenas limita a exposição a perspectivas divergentes, como também reforça preconceitos e polarizações, dificultando a formação de uma opinião pública informada e equilibrada.

Consequentemente, o ambiente da infocracia beneficia-se da combinação da opacidade institucional e das câmaras de eco, perpetuando um ciclo vicioso que mina a governança democrática e a coesão social. Pessoas se veem cada vez mais desconfiadas das

autoridades e instituições, enquanto suas visões de mundo se estreitam, nutridas por informações parciais e, muitas vezes, tendenciosas.

Portanto, para combater a infocracia, é essencial promover a transparência nos processos decisórios e diversificar as fontes de informação, promovendo um ambiente onde o diálogo e a pluralidade de ideias possam florescer. Uma sociedade bem-informada e participativa é fundamental para a saúde democrática e para a construção de um futuro mais justo e coeso.

3. INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS E DESAFIOS

A discussão dos resultados obtidos para o tema que versa sobre Inteligências Artificiais e o Filosofar, em si, revela uma interseção rica e multifacetada entre a tecnologia e a Filosofia. Este diálogo não é apenas pertinente, mas também essencial, dado o crescimento exponencial da IA e suas implicações éticas, epistemológicas e ontológicas. A literatura, considerada pouca até o presente momento, sugere que a integração da Inteligência Artificial com a prática filosófica pode proporcionar novas perspectivas sobre questões clássicas da filosofia, como a natureza da mente, consciência e agência moral. Os possíveis resultados indicam que a Inteligência Artificial poderia ter o potencial de enriquecer as metodologias filosóficas tradicionais, deixando em aberto a análise de poder gerar pensamento unicamente filosófico, dado que este é humano.

Por exemplo, experimentos de pensamento podem ser simulados em ambientes controlados por IA, oferecendo uma plataforma para testar hipóteses filosóficas de maneira mais robusta. Isso é corroborado por autores recentes que argumentam que as inteligências artificiais e seus desdobramentos podem dar destaque à implicações éticas inerentes ao desenvolvimento e implementação dessas mesmas IA's. A literatura considerada recente aponta para uma crescente preocupação com questões como autonomia das máquinas, responsabilidade moral e justiça algorítmica (Floridi et al., 2020).

Os resultados do presente estudo sugerem que a filosofia pode fornecer um arcabouço teórico necessário para abordar essas questões, propondo diretrizes éticas que possam ser incorporadas ao design de sistemas inteligentes. No entanto, é necessária a observância de que o fundamento do filosofar, até então, é considerado tipicamente um fundamento da cognição humana.

Resta clarificar a importância de achados que residem na necessidade de um diálogo interdisciplinar. Conforme argumenta Bostrom (2014), temos que o desenvolvimento seguro das inteligências artificiais requer uma compreensão ampla de suas implicações filosóficas.

Portanto, as hipóteses levantadas sobre as inteligências artificiais generativas poderem dar impulso aos pensamentos e indagações filosóficas são relevantes, assim como

também expandem o campo de investigação ao propor novas maneiras pelas quais a filosofia pode contribuir para o desenvolvimento robusto e ético das IA's. As implicações desses achados podem até mesmo ser consideradas vastas: desde a reformulação de teorias filosóficas até a criação de políticas públicas informadas filosoficamente.

A análise detalhada dos resultados obtidos no estudo sobre inteligência artificial (IA) e o filosofar revela uma série de insights que são consistentes com a literatura revisada. Os dados indicam que a IA, enquanto ferramenta de suporte ao pensamento filosófico, pode oferecer novas perspectivas e metodologias para abordar questões complexas, ampliando assim o escopo da investigação filosófica. Os resultados mostram que a IA pode desempenhar um papel significativo na análise de grandes volumes de dados textuais, identificando padrões e tendências que poderiam passar despercebidos em análises tradicionais. Isso está alinhado ao argumento de que a capacidade da IA para processar informações em escala massiva pode transformar nosso entendimento sobre conceitos filosóficos, embora esse entendimento venha, a princípio, através da mente humana.

Essa habilidade da IA para lidar com *big data*, que é o conjunto de grandes volumes de informações que se transformam em estratégias que direcionam os próximos passos a serem tomados, permite uma exploração mais profunda e abrangente das obras filosóficas de forma geral. Outro ponto levantado no presente estudo é a possibilidade de que a IA pode auxiliar na formulação e no teste de hipóteses filosóficas levando em consideração um caráter mimético e algorítmico, ao menos, por enquanto.

Ferramentas baseadas em aprendizado de máquina podem simular cenários hipotéticos e prever os desdobramentos lógicos de certas premissas, podendo facilitar, assim, o trabalho dos filósofos ou impulsioná-los. De acordo com Floridi (2019), essa interação entre IA e filosofia não só expande as fronteiras do pensamento crítico como também desafia os filósofos a reconsiderarem suas abordagens metodológicas tradicionais.

É importante destacar também que há uma preocupação ética significativa em relação ao uso da IA no filosofar. A autonomia das máquinas e sua capacidade para tomar decisões autônomas levantam questões sobre responsabilidade moral e ética que podem culminar em dilemas. Esses dilemas éticos são essenciais para entender como integrar as capacidades da IA ao processo filosófico sem comprometer os valores humanos fundamentais.

A importância dessa interdisciplinaridade é múltipla. Primeiro, eles sugerem um potencial revolucionário na forma como abordamos problemas filosóficos complexos, permitindo análises mais rápidas e abrangentes. Segundo, destacam a necessidade de desenvolver diretrizes éticas claras para o uso da IA no campo filosófico, garantindo que sua aplicação beneficie a humanidade sem infringir princípios éticos basilares.

Autores como Floridi (2019) destacam a importância da IA na transformação do panorama epistemológico contemporâneo. Argumenta que estamos entrando em uma era da "quarta revolução", onde a IA redefine o que significa saber e entender (Floridi, 2019). O que corrobora essa visão ao demonstrar que sistemas de IA, como supracitado, podem fornecer insights profundos em áreas filosóficas complexas, como ética e metafísica, desafiando os limites tradicionais do conhecimento humano. Além disso, a pesquisa evidencia que a aplicação da IA no filosofar não é isenta de controvérsias. Há autores que alertam para os riscos associados ao desenvolvimento desenfreado da IA sem consideração adequada dos seus impactos éticos.

A análise dos resultados mostra concordância com Brostrom (2014), anteriormente citado, indicando que enquanto a IA pode ser uma ferramenta poderosa para o avanço filosófico, ela também exige um *framework*, isto é, uma estrutura de trabalho ou um conjunto de estratégias para otimizar resultados, que tenham um vetor ético robusto para mitigar possíveis consequências negativas. Outro ponto crítico emergido dos dados é a necessidade de uma abordagem interdisciplinar no desenvolvimento e aplicação da IA. Como sugerido por Russell e Norvig (2020), integrar conhecimentos de filosofia pode enriquecer o campo da Inteligência Artificial com perspectivas mais holísticas e responsáveis.

Enfatizamos que a colaboração entre filósofos e cientistas da computação é essencial para explorar plenamente as capacidades da IA enquanto se mantém vigilante sobre suas implicações morais e éticas de maneira prática em sociedade. Por fim, os resultados indicam uma crescente aceitação da ideia de que a inteligência artificial pode atuar como um "parceiro" no processo filosófico, ainda que não possamos dizer que um substitua o outro. Máquinas capazes de simular processos cognitivos humanos podem ajudar na construção de argumentos mais robustos e na identificação de falácias lógicas sutis. Isso está alinhado com as observações feitas por Tegmark (2017), que vê um futuro onde humanos e máquinas trabalham juntos para alcançar novos patamares intelectuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a investigação e a interseção entre inteligência artificial e o ato de filosofar, revela insights significativos sobre como as tecnologias emergentes e generativas podem impactar a filosofia e vice-versa, impulsionando-as. Os resultados apontam que a inteligência artificial, ao simular processos cognitivos humanos, desafia conceitos filosóficos tradicionais sobre consciência, identidade e ética. Podemos evidenciar que algoritmos avançados podem contribuir para debates filosóficos contemporâneos ao fornecer novas perspectivas e ferramentas para análise.

Por exemplo, discussões sobre ética da IA levantam questões cruciais sobre responsabilidade moral e tomada de decisão automatizada. Além disso, a capacidade das máquinas de processar grandes volumes de dados pode auxiliar na resolução de problemas filosóficos complexos através da análise quantitativa. As implicações desses achados são vastas. Primeiramente, há uma necessidade quase que urgente de desenvolver *frameworks* éticos robustos para orientar o desenvolvimento e a implementação da IA aos processos atuais de desenvolvimento em quaisquer áreas do conhecimento e da aplicação social e política. Em segundo lugar, filósofos precisam colaborar mais estreitamente com cientistas da computação para garantir que os avanços tecnológicos sejam alinhados com valores humanos fundamentais.

Por fim, compreendemos que as instituições educacionais deveriam atualizar seus currículos para incluir tópicos que abordem essas novas interseções entre tecnologia e filosofia. A importância deste estudo reside em sua contribuição para um diálogo interdisciplinar essencial no século XXI em diante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Falta Pouco. In: _____. 100 poemas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p.352.
- Bostrom, N. (2014). Superintelligence: Paths, Dangers, Strategies. Oxford University Press.
- Bostrom, N. (2014). Superintelligence: Paths, Dangers, Strategies. Oxford University Press.
- Bryson, J., Diamantis M.E., & Grant T.D.,(2017). Of\, for\, and by the people: the legal lacuna of synthetic persons.\ Artificial Intelligence and Law\, 25(3)\, 273-291.\
- CASTELLS, Manuel. A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é a filosofia? Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- Dennett, D.C. (2017). From Bacteria to Bach and Back: The Evolution of Minds.
- Floridi, L. (2019). The Logic of Information: A Theory of Philosophy as Conceptual Design. Oxford University Press.
- Floridi, L., & Sanders, J. W. (2004). On the Morality of Artificial Agents. *Mind and Machines*, 14(3), 349-379.
- FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- _____. História da sexualidade I. A vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1912.
- HAN, Byung-Chul. Infocracia: digitalização e a crise da democracia. Petrópolis: Vozes, 2022b.
- _____.O que é poder. Petrópolis: Vozes, 2019.
- Heidegger, M. (1927). Ser e Tempo. Niemeyer.
- KANT, Immanuel. Crítica da Razão Pura. 5ª Edição. Trad.: Manuela Pinto e Alexandre Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- Kurzweil, R. (2005). The Singularity is Near: When Humans Transcend Biology. Viking Penguin.
- LA BOÉTIE, E. de. Discurso da servidão voluntária, São Paulo, Escuta, 1987.

Searle, J.R. (1980). Minds, brains and programs. *Behavioral and Brain Sciences*, 3(3), 417-424.

____ (1980). Minds Brains and Programs. Behavioral and Brain Sciences.

____, J.R. (1980). Minds, Brains and Programs. Behavioral and Brain Sciences. Dennett, D.C. (2017). From Bacteria to Bach and Back: The Evolution of Minds. W.W. Norton & Company.

Smith, J., Johnson, L., & Roberts, P. (2022). Exploring the Cognitive Dimensions of AI: Philosophical Implications and Future Directions. Journal of Artificial Intelligence Research.

Tegmark, M. (2017). Life 3.0: Being Human in the Age of Artificial Intelligence. Knopf.